

# Finitude como poética

## Finitude as poetry

## Finitud como poética

Nadja de Carvalho Lamas<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto busca compreender a poética contemporânea por meio da análise da proposição artística de Mark Formanek, apresentada na 11.<sup>a</sup> Bienal do Mercosul, em Porto Alegre. Tal proposta rompe com a materialidade, pois a efemeridade lhe é inerente. *Standard time*, assim como outras produções artísticas contemporâneas, tenciona o sistema da arte, pois tem a finitude como parte de sua poética, proposição que evidencia o quão complexo é o mundo da arte e as problemáticas artísticas contemporâneas.

**Palavras-chave:** arte contemporânea; poética; finitude; Mark Formanek.

**Abstract:** The text seeks to understand the contemporary poetry based on the analysis of Mark Formanek's artistic proposition, presented at the 11<sup>th</sup> Mercosul Biennial, in Porto Alegre. It breaks with the materiality, because ephemerality is inherent in it. *Standard time*, like other contemporary artistic productions, tension the art system, since it has finitude as part of its poetry, which shows how complex the world of art and the contemporary artistic problems are.

**Keywords:** contemporary art; poetry; finitude; Mark Formanek.

**Resumen:** El texto busca entender la poética contemporánea, por medio del análisis basado en la propuesta artística de Mark Formanek presentada en la 11a Bienal del Mercosur, en Porto Alegre. La idea rompe con la materialidad, porque el carácter efímero es inherente a ella. *Standard Time*, así como otras producciones artísticas

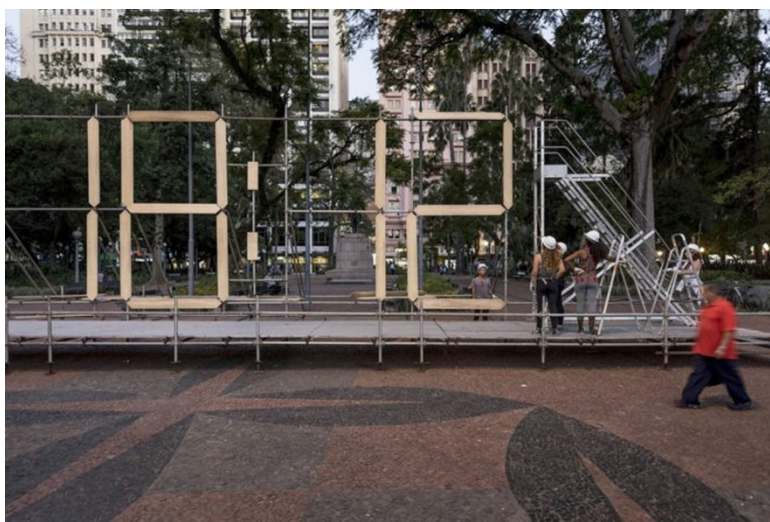
<sup>1</sup> Possui doutorado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutorado sanduíche pela Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne, mestrado em Artes Visuais pela UFRGS, especialização em Arte na Educação pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP) e graduação em Administração pela Fundação Educacional da Região de Joinville (FURJ). É professora titular da Universidade da Região de Joinville (Univille) nos cursos de Artes Visuais, Publicidade e Propaganda e no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade.

contemporâneas, tensiona el sistema artístico, ya que tiene finitud como parte de su poética, evidenciando cuán complejo es el mundo del arte y los problemas artísticos contemporâneos.

**Palabras clave:** arte contemporâneo; poética; finitud; Mark Formanek.

As pessoas que transitaram pela Praça da Alfândega em Porto Alegre durante a realização da 11.<sup>a</sup> Bienal do Mercosul, realizada em 2018, depararam com uma grande estrutura de ferro, com grandes números formados por pedaços de madeira. Ao lado havia uma grande escada movimentada a cada minuto por um grupo de pessoas com chapéu de segurança branco, tal como usam os operários da construção civil. O movimento consistia na troca das madeiras com o intuito de formarem um novo número, tal como se construíssem um relógio digital. Eram movimentos rápidos e atentos para que o número correspondente àquele instante fosse correto. Caso não concluíssem em tempo, passava-se imediatamente para o número seguinte, o que gerava tensão e ansiedade.

**Figura 1** – *Standard time* – proposição artística de Mark Formanek (2018)



Fonte: Foto de Ding Musa (in PORTO ALEGRE..., 2018)

**Figura 2** – Proposição artística de Mark Formanek para a 11.<sup>a</sup> Bienal do Mercosul (detalhe)



Fonte: Foto de Thiéle Elissa (in MARTINS, 2018)

Tal proposição foi apresentada pelo artista alemão Mark Formanek, intitulada *Standard time* (*Tempo padrão*, em português), para integrar o conjunto de proposições artísticas curadas por Alfons Hug, curador chefe da 11.<sup>a</sup> Bienal do Mercosul.

A proposta de Mark Formanek traz um cruzamento de linguagens, pois articula instalação e *performance*. Criada e apresentada pela primeira vez no ano de 2000, com uma duração de 24 horas ininterruptas, foi realizada em diferentes lugares. No Brasil foi apresentada na 6.<sup>a</sup> Bienal de Curitiba, em 2011, e no IC Encontro de Arte de Salvador, em 2016. Em Porto Alegre teve a variante de não ter a duração de 24 horas, mas uma ação que aconteceu durante todo o período da 11.<sup>a</sup> Bienal, sempre das 10h às 19h.

Como instalação, a proposição estabelece relação e diálogo com o lugar em que está inserida. A estrutura de canos de metal forma grandes retângulos vazios, permitindo que sua presença não feche o olhar em um grande paredão de modo a impedir a visão do outro lado, mas, antes, há uma certa leveza ao possibilitar ver o outro lado; integra-se e dialoga com o lugar, pois tem-se a percepção do todo. De certa forma é também uma intervenção no espaço urbano, sem, no entanto, agredi-lo.

*Standard time* é instalação, intervenção no espaço urbano e também *performance*, pois é uma ação que acontece temporalmente, fruto de uma proposição intencional e expressiva. Um grupo de pessoas do meio artístico e técnicos atuam continuamente a cada minuto na desconstrução de números que registram o tempo que passou e na construção de novos números que indicam o instante presente. São aproximadamente 540 minutos de *performance* diária, e cada desconstrução/construção tem vários movimentos repetitivos. É uma rotina artesanal que se repete a cada minuto e gera fadiga, o que traz a possibilidade de erro, o qual poderia interromper o fluxo do tempo. São contínuas a atenção e a tensão.

Diante dessa proposição as pessoas que ali circulam não entendem no primeiro momento o que se passa; para alguns é uma reforma na praça, para outros uma maluquice de alguém, alguns nem percebem o que ali está acontecendo e outros nada entendem. Mas há aqueles que interrompem a sua caminhada e param para olhar, para observar, e buscam entender o sentido do que está sendo proposto. Outros, ainda, se condoem do esforço físico e cansativo daqueles que desconstróem e constroem a marcação do tempo a cada minuto. Cada espectador relaciona e interpreta conforme a sua sensibilidade no momento.

Foram 59 dias de exposição<sup>2</sup>, 31.860 minutos, nos quais diariamente aconteceram seguidamente as ações performáticas. Entretanto ao final da mostra a estrutura se desfez, a *performance* encerrou, as pessoas que dela participaram voltaram às suas atividades e nada mais restou, a não ser alguns registros fotográficos da ação. Diferentemente de um quadro, uma escultura, um desenho ou uma gravura, não ficou um objeto a ser exposto, pois a proposta poética é que, terminado o período expositivo, a instalação/*performance* seja finalizada. Mas *Standard time* permanece na memória daquelas pessoas que foram por ela afetadas e que dedicaram parte de seu tempo a olhá-la, quer por apreciá-la, quer por ter ficado incomodadas com a sua provocação.

O que podemos refletir a respeito da proposição artística *Standard time*? Que indagações e que provocações ela faz?

O seu título por si só já é uma provocação, pois sua tradução diz respeito a *horário padrão*, o que remete à ideia de padronização do tempo – um tempo que não segue mais o fluxo natural da vida, mas é marcado e estabelecido por uma convenção humana, marcado mecanicamente pelo relógio, que determina que tudo é regido por uma sequência que se repete infinitamente a cada 60 minutos, que, por sua vez, se repete a cada 60 segundos. A vida molda-se e escraviza-se por essa convenção em todos os sentidos. Formanek põe em questão a imposição de uma convenção do tempo determinada pelo homem, que, se por um lado indicou tempos para as coisas, por outro o escravizou e o condenou à repetição contínua de suas tarefas cotidianas.

<sup>2</sup> A exposição iniciou-se no dia 6/4/2018 e finalizou em 3/6/2018.

A instalação dos números remete à ideia de um grande relógio digital, com funcionamento determinado pela tecnologia. Longe está da forma de relógio cujo funcionamento se dava pelo acionamento do mecanismo de dar corda, com pêndulo que balançava de um lado ao outro. O relógio digital tem uma dinâmica própria, é preciso no registro do tempo. Em contraponto a essa tecnologia, tem-se um processo artesanal de marcação do tempo, tal como um operário em uma linha de produção, ou na construção civil – pessoas que ali estão trabalhando em condição de extrema tensão. Desconstroem e reconstróem o tempo a cada minuto. Munidos de ferramentas como martelo, madeira e escada, correm contra o tempo para marcá-lo. Estão sempre no instante entre o passado e o presente. O paradoxo é que eles estão no relógio, mas não no momento do relógio, pois estão sempre na tensa condição de se movimentar na desconstrução do tempo que passou para construir a marcação de um novo tempo. Numa perspectiva heideggeriana, estar no instante é voltar-se para duas direções contrárias, para o passado e para o futuro; ou seja, ver o instante é estar nele (HEIDEGGER, 1998 in FERNANDES, 2015).

Entre um minuto e outro há tensão e ansiedade, pois exigem-se atenção e precisão na sequência de passagem de um número a outro. Há momentos que requerem um número maior de movimentos na desconstrução do número anterior e também na construção do próximo número, no menor tempo possível. O volume de procedimentos em tal grau de velocidade gera fadiga física e mental, o que pode levar à distração e errar o número, ou não conseguir finalizar o processo no tempo necessário e já ser o momento de fazer a próxima sequência.

Mark Formanek mobiliza questões contraditórias do mundo contemporâneo para pensá-lo, como a convenção do tempo, os meios de produção, o processo de mecanização, o trabalho e a tecnologia. Mas coloca em tensão também o próprio sistema da arte, na medida em que sua proposição artística foge aos modos de produção modernos, por exemplo. Sua produção não está posta para ser admirada, mas para fazer pensar sobre o tempo, sobre o mundo, sobre a vida.

Sua proposta foge da ideia de ser um objeto a ser tombado e incorporado ao acervo de um museu ou de um espaço cultural. O fim da exposição é também o fim dessa proposição, o que não significa que a não existência do objeto a ser tombado em algum acervo institucional fará com que ele não exista. A sua existência é de outra natureza, é enquanto ideia, enquanto proposição – por vezes como projeto, que poderá ou não ser implementado, por vezes por meio do registro fotográfico, fílmico, catálogo ou ainda de forma digital.

O fato de sua proposição integrar o conjunto das produções apresentadas na Bienal do Mercosul, que é uma mostra legitimada e reconhecida no sistema da arte, já é por si só o reconhecimento institucional de seu valor como proposição artística contemporânea.

A partir da década de 1970, observa-se uma profunda mudança na produção dos artistas. Outros meios passaram a incorporar suas proposições, como a tecnologia na construção de imagens. Linguagens como a instalação, a *performance*, a intervenção e o vídeo tornam-se meios de expressar, questionar e pensar o mundo e a vida contemporânea. Há de certa forma uma desmaterialização da arte em ações. À medida que o mundo se transforma cultural, econômica e politicamente, o homem também se transforma, e por consequência o modo de sentir e perceber o mundo também se modifica. O artista é um dos primeiros a perceber essas mudanças e a incorporar tais questões em sua poética, contribuindo para que o campo da arte se torne autônomo. A percepção da arte como processo aliado à presença contundente dos meios de comunicação e o desenvolvimento dos dispositivos técnicos de registro de imagens contribuíram para que o artista buscasse outras formas de expressão técnica, então de características temporais, como o presente. Esse deslocamento da arte materializada em objeto para uma proposição artística temporal abre-se para muitas possibilidades de registro documental, uma vez que a proposição se desmaterializa ao ser encerrada.

Luiz Cláudio da Costa (2009, p. 21) publicou os resultados de uma pesquisa sobre os dispositivos de pesquisa na arte contemporânea, no qual afirma:

Com a obra-evento, portanto, apareceu um elemento inesperado na prática artística: o acúmulo de fragmentos e restos de intervenções, a sobra de elementos materiais de ações, performances e instalações. Restariam também fotografias, filmes e, mais tarde, vídeos que documentam eventos e ações dos artistas. Uma fotografia, um objeto, um desenho, um esquete, uma frase sobre algum papel, uma ideia: fragmentos que podem se desdobrar em novos trabalhos, dando continuidade ao processamento da ideia inicial.

A pesquisa (COSTA, 2009) evidenciou que, com o surgimento de diversos meios técnicos e simbólicos mediado pela forma de comunicação, geraram-se registros documentais, e estes se tornariam pouco a pouco importante referência para os artistas, pois têm força poética. Para além de meros registros, por vezes são apropriados e ressignificados pelos artistas em novas produções, pois não se constituem como documentos com força de prova, mas, antes, são portadores de potência poética. Há instituições que incorporam em seus acervos parte desses fragmentos, ou mesmo os registros fotográficos, fílmicos ou outra forma de registro que tenha ocorrido.

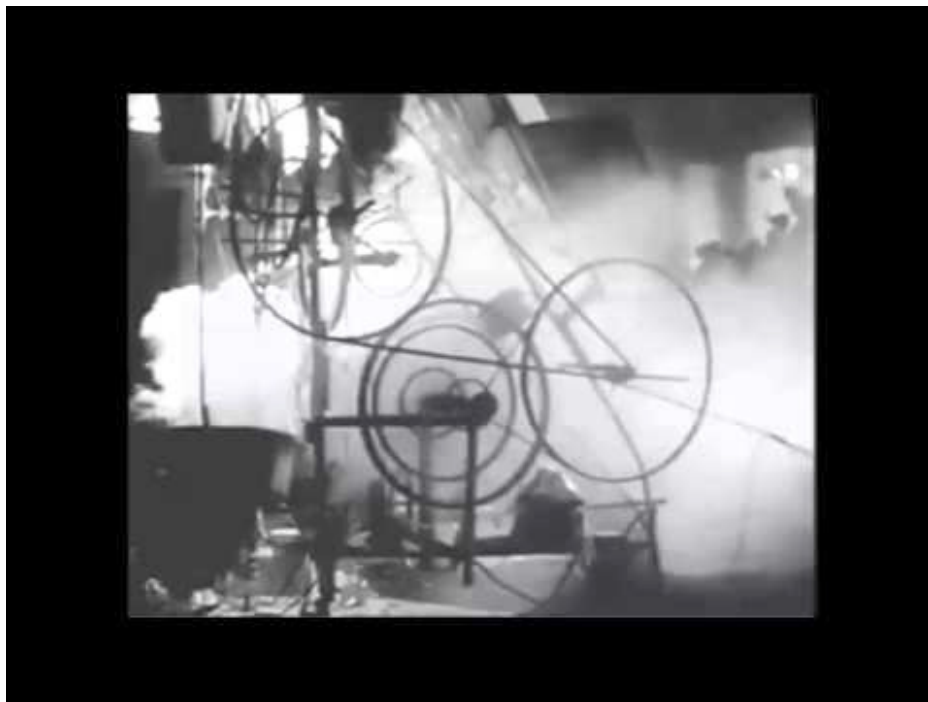
Observa-se que a produção artística contemporânea incorporou na sua poética a dimensão espacial do ambiente em que se apresenta, pois esta não está simplesmente ocupando uma parte do espaço; o ambiente como um todo passa a fazer parte dela, mas incorpora também a dimensão temporal, assim como a memória e a história. De maneira crítica a dimensão do tempo passou a ser objeto de reflexão em muitas dessas proposições, como na obra de Mark Formanek, em que a articulação do tempo e do espaço constitui questão-chave em sua poética.

A proposição de uma instalação em diálogo com a Praça da Alfândega, um espaço urbano de expressiva circulação popular, que possui a particularidade de ter nele inseridas três instituições simbólicas da arte e da cultura, como o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, o Memorial do Rio Grande do Sul e o Santander Cultural, é singularmente significativa. Embora essas edificações sejam consideradas patrimônios históricos, portanto passíveis de manutenções de conservação, que garantem sua perenidade, a praça é um lugar vivo, dinâmico, que, tal como a cidade, está em constante transformação, é um organismo vivo e complexo. Nessa praça acontecem importantes ações culturais, entre elas a Feira do Livro de Porto Alegre, uma das maiores do país. A intervenção de Formanek torna-se mais uma marca simbólica no local, mesmo que já não esteja mais presente ali, mas está na memória do lugar e na memória de milhares de pessoas que ali circularam e a viram.

*Standard time*, assim como outras produções artísticas contemporâneas, tenciona o sistema da arte na medida em que tem a finitude como parte de sua poética, como, por exemplo, a escultura *Homenagem a Nova York* (1960) (figura 3), do artista sueco Jean Tinguely, um dos fundadores do movimento novo realismo. A escultura foi apresentada nos jardins do Museu de Arte Moderna de Nova York, mas concebida para ser autodestruída com incêndio na abertura da exposição, em seguida às *performances* realizadas – uma ação impactante e paradoxal, pois o seu fim foi concebido no ato mesmo da criação. Conforme Coelho (2008, p. 130), “a arte não se preocupa com comunicar coisa alguma: a arte expressa [...], a arte exige que se vá até ela, que se sinta como se a faz”. Segundo esse teórico, a arte não aceita nenhuma interpretação, “demanda competência para saber o que está em jogo numa obra de arte”. As proposições como as de Tinguely desestabilizam modos cristalizados de perceber a arte, são provocadoras e ao mesmo tempo lúdicas, particularmente no que diz respeito às máquinas, que não têm função prática nenhuma, mas trazem indignação política e por vezes com forte conotação sexual. Dez anos após a fundação do movimento

novo realismo, Tinguely propôs mais uma das máquinas autodestrutivas, agora um enorme falo em frente à Catedral de Milão, para celebrar o fim dos novos realistas.

**Figura 3** – *Homenagem a Nova York* (1960) – máquina com materiais diversos



Fonte: JEAN... (1960)

Outro aspecto que se evidencia nas proposições de Formanek e de Tinguely, como tantas outras similares, é que são ações cuja existência está condicionada ao tempo presente, estão no mundo temporariamente e abertas a intensas experiências. Existência e finitude caminham juntas em tais proposições. Nessa perspectiva, uma vez findo o tempo de exposição, findam também a sua existência e a possibilidade de provocar novas experiências. Ou seja, a finitude é inerente a sua poética, tal como a vida.

## REFERÊNCIAS

COELHO, J. T. **A cultura e seu contrário**. Cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2008.

COSTA, L. C. da (Org.). **Dispositivo de registro na arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Contra Capa; FAPERJ, 2009.

FERNANDES, M. A. Da temporalidade da existência e do instante: uma investigação ontológico-existencial segundo o pensamento de Heidegger. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 17, n. 1, 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302015000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302015000100003)>.

FUNDAÇÃO BIENAL. **11.ª Bienal do Mercosul**. 2018. Disponível em: <<https://www.fundacaobienal.art.br/bienais/11%C2%AA-Bienal-do-Mercosul>>.

JEAN Tinguely: *Homenagem a Nova York*. 1960. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FdRLeLgst2E>>.

MARTINS, M. Na Bienal, obra mostra que o tempo é feito pelas pessoas. **Beta**, 27 abr. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/betaredacao/na-bienal-obra-mostra-que-o-tempo-%C3%A9-feito-pelas-pessoas-890cbb60599d>>.

PORTO ALEGRE Round-Up: 11th Mercosul Biennial and Exhibitions at the Iberê Camargo Foundation, Brazil. **Terremoto**, 2018. Disponível em: <<https://terremoto.mx/porto-alegre-round-up-11th-mercosul-biennial/>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SEIBT, C. L. Finitude - raiz da educabilidade do ser humano. **Acta Scientiarum Education**, Maringá, v. 38, n. 2, p. 173-179, abr.-jun. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/27936>>.